

## A estética literária dos narradores amazônicos no romance *A história das crianças que plantaram um rio* de Daniel da Rocha Leite

### *The literary aesthetics of the amazonian narrators in História das crianças que plantaram um rio, by Daniel da Rocha Leite*

Izabel de Brito Silva Nascimento <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva apresentar uma análise crítica da estética da linguagem empregada pelos narradores do romance *A História das crianças que plantaram um rio* (2013), de Daniel da Rocha Leite. A pesquisa desenvolveu-se a partir de levantamentos bibliográficos de autores que tratam sobre a estilística e o estruturalismo. Dão corpo à essa pesquisa M. Rodrigues Lapa (1984), Loureiro (2015), Martins (2008) e Todorov (2003). Nesta narrativa da coleção livro lamparina, a tessitura da história traz em sua composição espacial uma possível representação do contexto ribeirinho amazônico. Por consequência, o discurso poético utilizado para narrar a história dá visibilidade aos recursos estéticos que revelam esse contexto e são empregados pelo autor na construção dos narradores.

**Palavras-chave:** Literatura; Amazônia; narradores; estética

**Abstract:** This article wants to give a critical analysis of the aesthetics of the language addressed by the narrators in the narrative *A História das crianças que plantaram um rio* (2013), by Daniel da Rocha Leite. The work was developed based on the thoughts of authors who deal with the stylistics and the structuralism. M. Rodrigues Lapa (1984), Loureiro (2015), Martins (2008) and Todorov (2003) support this research. In this narrative, which belongs to the *Lamparina Book Collection*, the approach of the story brings in its spatial composition a possible representation of the context of the residents of the banks of the rivers in the Amazon. Therefore, the poetic language used in the story gives visibility to the aesthetic resources that reveal this context and is used by the author in the construction of the narrators.

**Keywords:** Literature; Amazon; narrators; aesthetics.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras/Português pela UNIR- Universidade Federal de Rondônia, mestre em Estudos Literários pela mesma Universidade, professora de Língua portuguesa do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino. Membro dos grupos de pesquisas Letramento literário e Criadônia. E-mail: izabepoesia@hotmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1271-7143>

## Introdução

*A história das crianças que plantaram um rio*, do escritor Daniel da Rocha Leite, foi publicada em 2013. O autor transpõe para a ficção a experiência humana. A obra apresenta em sua trama personagens, tempo e espaço que são fundamentais para desenrolar os acontecimentos no decorrer da história.

Daniel da Rocha Leite elegeu o espaço ficcional ribeirinho como palco central da narrativa. É nesse cenário que emana magia, poeticidade e sonhos que a relação do narrador-personagem, sua avó e o rio se entrelaçam. Para tecer essa relação, o autor selecionou cuidadosamente as palavras, “sonhou” com elas, como cita na “orelha” do livro. A obra em estudo possui uma grande riqueza literária, dentre elas, como já mencionada, a linguagem.

Supomos que a seleção do léxico, como palavras do mesmo campo semântico e proximidades sêmicas, de figuras retóricas e criação de novas palavras foi escolhida pelo escritor para dialogar com a atmosfera ribeirinha que as personagens aspiram e propiciar que o leitor viva essa experiência juntamente com os personagens.

Daniel da Rocha Leite foi contemplado com diversos prêmios da literatura, como o prêmio de poesia de Carlos Drummond de Andrade, Sesc-DF-2007, foi finalista dos Prêmios Machado de Assis (Contos) e Monteiro Lobato (Literatura Infantil), SESC-DF, 2007 e 2011. Em nível estadual, venceu por três vezes o Prêmio de Literatura do Instituto de Artes do Pará - IAP, com Livros de Contos nos anos de 2004, 2007 e 2011. Em 2008, com o romance *Girândolas*, venceu o Prêmio Samuel Wallace Mac-Dowell da Academia Paraense de Letras em conjunto com o Governo do Estado do Pará.

Observamos que já há uma considerável fortuna crítica sobre a produção do escritor, destacamos desse rol as dissertações de mestrado de Brisa Caroline Gonçalves Nunes, oferecida ao programa de pós-graduação-PPGARTES da Universidade Federal do Pará – Instituto de Ciências e Artes, no ano de 2016, publicado na plataforma Sucupira.

Há também a dissertação de Joana Martins, que juntamente com Daniel da Rocha produziu uma versão falada da narrativa em apreço, e a partir dessa produção, a autora empreendeu sua pesquisa de mestrado intitulada *Lamparina para cegos: literatura acessível na Amazônia*, defendida no ano de 2016, oferecida ao Centro de Ciências Sociais e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado, da UEPA - Universidade do Pará, publicada no site da Universidade.

Dentre os trabalhos publicados sobre a produção literária do autor, não se contemplou nenhuma pesquisa que analisou a narrativa sob o viés que se pretende discutir neste estudo. Por isso, esse artigo se propõe analisar a linguagem utilizada pelo narrador-personagem e sua avó sob a luz da corrente crítica estilística. A metodologia utilizada para este estudo é o da pesquisa bibliográfica.

## **1 A estética vocabular do narrador-personagem e de sua avó como elemento de composição poética na tessitura da narrativa**

Apresentando o enredo da obra em análise, a história é narrada em um espaço físico ribeirinho, banhado por um rio que permeia toda a narrativa e é o elemento primordial para a tessitura da história. A relação estabelecida pelo narrador-personagem, sua avó e o rio é de ternura e cumplicidade.

O contexto ribeirinho, a convivência quando criança com o rio e sua avó evoca o narrador-personagem a um regresso ao passado e o desejo de voltar ao lugar onde viveu sua infância, daí inicia-se a narração de sua vivência nesse espaço repleto de imaginário e poeticidade: “Se eu fechar os olhos agora, volto a ser criança” (Leite, 2013, p. 19). [...] “Mergulho no rio” (2013, p 21). Para narrar o mundo inventado da narrativa e fazer-se compreender, os narradores (narrador-personagem e a avó) lançam mão de um vocabulário com grande carga poética.

É neste contexto que o imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, tornando propiciador de epifanias. Sob o esfumato do devaneio fecundado pela contemplação do rio e da floresta, olhando os horizontes das águas que lhe parecem como a linha que demarca o eterno, o homem da Amazônia foi dominando a natureza enquanto ia sendo por ela dominado como forma imaginal motivadora. (Loureiro, 2015, p. 26)

Para contar o afeto do narrador-personagem pelo rio e pela avó, Daniel da Rocha Leite seleciona para o discurso narrativo do narrador-personagem e de sua avó narradora palavras com estilos afetivos que causam efeito de sentido no leitor. A personificação, metáfora, antítese, comparação, aliteração são figuras de retóricas recorrentes no mundo ficcional

vivido pelo narrador-personagem. A repetição dessas figuras é fundamental para estruturar a tessitura da história.

Verbos e adjetivos também são classes de palavras que enriquecem e emolduram a narrativa. “o tempo crescia invisível, assim como cresciam as árvores, as sementes filhavam” [...] (Leite, 2013, p. 13). A substituição dos verbos “passar” pelo “crescer”, germinar/brotar por “filhavam”, possibilita observar a carga expressiva da linguagem do narrador-personagem. “Passar x crescer”: coloca o tempo em posição de comparação com as árvores. Se o crescimento das árvores é perceptível aos olhos, a substituição do verbo possibilita enxergar essa invisibilidade da passagem do tempo. O verbo “filhavam” tem o seu sentido relacionado com o verbo “crescia”, pois condiciona-se a ele tanto para sua expressividade, quanto para sua função ficcional na narrativa, como sustenta Lapa:

As palavras suscitam em nós as imagens das coisas a que se referem, mas como essas coisas podem revestir vários aspectos, cada um de nós apreende na palavra o seu aspecto pessoal, aquele que particularmente lhe interessa. (Lapa, 1984, p. 5)

Observamos em algumas obras de Daniel da Rocha Leite reincidências de palavras e temáticas que remetem ao universo ficcional infantil, como a fantasia e imaginação e de espaço composto pela natureza. O livro *A menina árvore* (2014) traz elementos em comum com a narrativa em discussão: “Sonho”, “história”, “tempo”, “noite”, “silêncio”, “voz”, “avó”, “chuva”, “barco”, “mar”, “fechar os olhos”. “Acorda. Está na hora, menina. É tempo. Acorda para o sonho” (Leite, 2014, p. 15). Pode-se verificar palavras com núcleos sêmicos em comum: Tempo/noite, mar/barco.

A seleção de palavras que promovem a poeticidade, como a substituição dos verbos, como já citado em parágrafos anteriores da obra em análise repete-se em *A menina árvore* (2014), dialogando com a narrativa que trata esse artigo: “Aprendi que o tempo é uma árvore que cresce em silêncio”. Aqui, a substituição do verbo “passar” pelo verbo “crescer” é responsável pelo valor literário da narrativa. Nessa discussão, não se pretende afirmar que o escritor das obras em destaques possui um estilo único, pré-definido, e sim, de como esses recursos estilísticos se constituem na estrutura interna de suas obras.

A estética vocabular do narrador-personagem expressa sua visão do mundo ficcional da narrativa. “A gente morava lá onde o longe tinha os pés descalços” (Leite, 2013, p. 11).

“Longe” é como o narrador-personagem nomeia o lugar fictício onde viveu a infância. A expressão “pés descalços” nos remetem à personificação do lugar, à imagem da infância cristalizada na memória do narrador, que o convida a retornar a esse lugar, que emanam uma atmosfera mítica, fantástica e poética.

Para (Martins, 2008) a linguagem deve se adequar a diferentes situações e contextos sociais. Não falamos com uma pessoa da família como falamos com um desconhecido. O contexto social onde viviam as personagens e a relação de proximidade, cumplicidade e afetividade do menino com o rio e a avó são externados por palavras cuidadosamente selecionadas: sinônimos, antônimos e aliterações: “Gente toda de nossa casa dormindo, eu sonhava com o rio, sonhava com suas profundezas, com seus mistérios, alturas e abismos, céu e chão, alma e lama” (2013, p. 31). Essa seleção de palavras permite também a nós, leitores, “mergulharmos” no rio junto com o menino, e nos sentarmos com ele para ouvir as histórias da vó.

A escolha dessas palavras não só contribui para a estética da narração, mas também para a estruturação da narrativa. Corrobora com essa análise (Todorov, 2003) quando diz que o sentido de uma palavra é o conjunto de suas relações possíveis com outras palavras. É perceptível a equivalência de sentido entre esses pares de palavras: “alturas/abismos”, “céu/chão”, “alma/lama”. Os pares de substantivos, embora nas classes de palavras não sejam classificadas como antônimos, associam-se entre si com valores de oposição, extremidade. Observa-se que esse par: “profundezas/mistérios” associa-se pelo sentido de que o mistério é escondido nas profundezas do ser. Ainda, a troca da posição das letras “a” e “l” em “alma” e “lama” estabelece a ideia de duas fases do rio: Quando o nível se elevava e quando o nível baixava.

Daniel da Rocha Leite possibilita ao leitor perceber traços de sua escrita no romance em análise por meio de utilização das figuras de retóricas, nos desvios de linguagens, na seleção de palavras do mesmo campo semântico, sempre direcionado ao contexto ribeirinho e à infância.

A construção de aliterações nos versos “Barcos e barro, farinhas e fomes, vida que vinha e ia, voltara o rio sempre” (Leite, 2013, p. 19) traz a oposição das suas estações vividas pelos ribeirinhos: inverno e verão. Sabemos que em ambas as estações os moradores desses espaços são comandados pelo rio: no inverno, para o narrador, tempos de “águas grandes”,

inundam-se as plantações, em tempos de seca, que para o protagonista era quando o rio “emagrecia”, dificulta-se a locomoção de pessoas e o transporte de alimentos.

Para Barbieri *apud* Lins (2009, p.111) “a criação do espaço literário serve a vários propósitos”. Em conformidade com essa ideia, Leite constitui para a diegese um espaço geográfico compatível para a utilização desse discurso poético.

## **2 A pesca das palavras poéticas no rio em *A história das crianças que plantaram um rio***

No romance em análise, a narrativa é inundada pelo rio. Ele é quem gera o conflito da história. Por meio dele é que se estabelece a relação do narrador-personagem com a avó e com o espaço onde viveu a sua infância. A carga poética da narrativa fica evidente pela forma como o menino-narrador nomeia o período em que o rio alcançava o nível alto: “Águas grandes”. “Sou menino crescendo nas palavras do rio que cresciam em mim. Trapiche de nossa casa. Águas grandes chegando. Inverno do norte. No chão da nossa casa o rio vinha morar” (Leite, 2013, p. 22).

Nessa atmosfera ribeirinha que flui o imaginário, subordinados ao rio, outros elementos também adquirem cargas poéticas: “Nossa casa tinha pernas magras e altas. O rio ficava ali, respirando noite e dia, embaixo de nossa casa aérea” (Leite, 2013, p. 22). Ao nível do rio, a tessitura da narrativa se constrói: “[...] O rio se arredava um pouco, voltava para o nosso quintal, esperava”. “[...] o rio emagrecia. Marés de quebra, lua mofina, rio miúdo. Águas paradas, tempo de tarrafas e tarefas” (Leite, 2013, p. 23).

O quarteto de adjetivos emagrecia/mofina/, miúdo/paradas que metaforizam os substantivos rio/lua/, rio/águas associa-se entre si o sentido de uma atmosfera de solidão e tristeza do período da baixa do rio que se contrapõe com o período de felicidade e poesia de “Águas grandes”. Confirma-se assim o potencial poético do “rio” e a sua importância na construção da narração. Em concordância com essa análise buscamos a contribuição de Lapa com a ideia de que:

Vemos, pois, que, em volta de cada palavra ou, para melhor dizer, de certas palavras, se estabelece uma atmosfera fantasiosa sentimental que constitui o seu valor expressivo. Há, evidentemente, palavra mais evocadoras do que outras. O bom escritor saberá aproveitá-las, para suscitar mais vivas e variadas imagens. Mas uma coisa é necessária a quem deseja conhecer a fundo a sua língua e utilizá-la para fins artísticos: pensar e sentir as palavras

como se elas fossem feitas de novo, e evocar o objeto a que se referem com a maior frescura e vivacidade possível. (Lapa, 1984, p.7)

A relação de afeto do narrador-personagem pelo rio é constituída por meio da personificação do rio como ser animado: “Sabia o rio dos meus sonhos: Um barco, canoa, casco ou montaria, sempre sonhos”? “Mãe d’água, folha navegando, formigas atravessando, correria de jacundás”? (Leite, 2013, p.35). Observamos então a seleção de substantivos e frases que se associam a um único valor sêmico: O rio. De acordo Wellek e Warrem citados por (Nabil Araújo, 2013) a análise estilística parece mais proveitosa ao estudo literário quando pode estabelecer algum princípio estético unificador que perpassa toda a obra, neste caso, elementos aquáticos imperam na narrativa.

Na narrativa, a avó do narrador-personagem que também se constitui como narradora é um elemento de fundamental importância para a construção da estética vocabular na narração. O carinho do menino-narrador pela avó é demonstrado pela forma com que ele a denominava: “A minha avó, bem velhinha, pequenina e magra, parecia um peixe saído do rio quando ela passava a me contar as suas histórias”. “A minha avó, os seus olhinhos miúdos” (Leite, 2013, p. 45).

É incontestável que comumente a figura da avó, por si só emana sentimentos de ternura, bondade e conhecimento. É verdade que o sufixo -inho serve para formar diminutivos; mas a noção de pequenez anda ligada geralmente em nosso espírito à de ternura, simpatia, graciosidade, contribui (Lapa, 1984). A referência à avó como “velhinha”, “pequenina” e de “olhinhos miúdos” é suficiente para que o leitor emane um sentimento de ternura e apreço por ela, a imaginando como uma vó repleta de bons sentimentos.

A similaridade da avó com peixe surge ainda nas descrições físicas: “As marcas da vida em seu rosto eram escamas do tempo que tentavam esconder a luz dos seus olhos negros” (Leite, 2013, p. 45). A presença das metáforas mostra a simbiose dos dois elementos queridos pelo menino-narrador: o rio e a avó. São esses elementos que suscitam no personagem-narrador o desejo de retroceder quarenta anos no tempo para rememorar suas experiências infantis no local onde viveu.

Na narrativa em discussão, é a avó que constrói e fortalece a relação do narrador-personagem com o rio. “Estávamos ali, sentados, lado a lado, na beira do trapiche, vendo o rio passr. Bem baixinho, com aqueles seus olhos de vó, ela me disse, quase em um sussurro, que

o rio queria conversar com a gente” (Leite, 2013, p. 42). Para construir essa relação, a avó passa a narrar a história de como o rio fora plantado.

Martins (1989) apresenta o conceito de estilística empregado por Câmara, o qual diz que a função essencial da língua é a representação mental da realidade, mas seu sistema é alterado pelos falantes com o fim de exprimir emoções e de influir sobre as pessoas. O rio permanece na memória do menino pela forma emotiva como a avó o ensinou amá-lo e contou para ele como o rio foi levado embora e o seu renascimento. “Houve uma noite, meu filho, que levaram o rio embora: “Ficou só a cama dele aqui, no meio do mundo da nossa terra. [...] eco solidão. “Vento que tinha arame farpado por dentro” (Leite, 2013, p. 68).

Notamos que os substantivos “eco solidão” se assemelham entre si em sentidos e trazem a imagem do vazio. Já em “Vento que tinha arame farpado por dentro”, a sinestesia apresentada na fala da vó propicia ao leitor experienciar o sofrimento do rio, que aqui se torna um ser animado, por meio de personificações.

Lapa, (1984) chama-nos a atenção para alguns substantivos abstratos que seus sentidos podem remeter a uma imagem de cor. Assim, por meio da linguagem peculiar poética ribeirinha empregada pela avó, para narrar ao neto o renascimento do rio, não só é promovido o efeito de sentido causado pela volta da vida e a alegria das crianças, como também nos é sugerido construir mentalmente imagens desse momento de transição entre o dia e a noite que se constitui um fator importante para o renascimento do rio, conforme lemos: “Lusco-fusco, o dia ainda era noite, meu filho. “Lusco-fusco. Dia ainda noite quando as crianças guardaram a chuvas em suas mãos” (2013, p. 70).

## **Considerações Finais**

O intuito de se fazer uma análise estilística da escrita do autor Daniel da Rocha Leite, na obra *A história das crianças que plantaram um rio*, possibilitou perceber que, em seu projeto de criação, o escritor selecionou uma linguagem peculiar para os narradores contarem suas vivências e experiências no espaço ficcional onde localiza a narrativa.

Ao situar o artigo no âmbito da estilística, buscou-se problematizar como a escolha do contexto ribeirinho pelo autor para compor a realidade ficcional da narrativa contribui para a estética na narração da história. No percurso da análise não se concluiu que o autor da obra possui um estilo definido, mas foi possível observar em outros livros de Daniel da Rocha



Leite semelhanças na linguagem dos discursos criados para os narradores contarem suas vivências.

A obra ser classificada como infanto-juvenil, a constituição do enredo e do espaço físico do romance, onde floresce o encantamento, são fatores que possivelmente levaram o autor a selecionar o vocabulário dos narradores da obra. Nessa direção, não se pretende neste trabalho uma análise crítica definitiva, mas sim contribuir com a fortuna crítica do livro *A história das crianças que plantaram um rio*, de Daniel da Rocha Leite. Cabe ainda salientar que a narrativa abre possibilidades de análise literária em diversos aspectos e teorias, ampliando as pesquisas sobre a narrativa.

## Referências

BARBIERI, Cláudia. (2009.) Arquitetura Literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: BORGES FILHO, Ozíris; BARBOSA, Sidney. (Org.). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos, SP: Claraluz, 2009, p. 105-126

BORGES FILHO, Ozíris; BARBOSA, Sidney (Orgs.). **Poéticas do espaço literário**. São Carlos: Claraluz, 2009.

LAPA, Rodrigues M. **Estilística da língua portuguesa**. 11. Ed. Coimbra: Coimbra Editora, Ltda, 1984.

LEITE, Daniel Rocha. **A história das crianças que plantaram um rio**. Coleção livro lamparina. Banco da Amazônia. 2013.

LEITE, Daniel da Rocha. **A menina árvore**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2014

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 4. Ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Encantaria da linguagem. Entrevista Concedida à Angela Almeida. Cronos, Natal-RN, v. 3., n. 1., p. 147-150, jan/jun., 2002.

MARTINS, Nilce Santana. **Introdução à Estilística- A expressividade da Língua Portuguesa**. 4. Ed. Ver. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Acadêmica 71)

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 4. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.